

Director, Proprietario e Editor
MATEUS MARTINS MORENO

Ano I

JULHO DE 1915

N.º 10

5 centavos
Numero avulso

Redacção e Administração
Avenida 5 d'Outubro - FARO

Tip. d'A MODESTA, R. do Mundo, 57-59 - Lisboa

ALMA NOVA

REVISTA ILUSTRADA ALGARVIA

ARTE ALGARVIA



ESTUDO

DE SAMORA BARROS

NUMERO DEDICADO ÀS NOSSAS GENTIS LEITORAS

ACTUALIDADES

A MULHER E A GUERRA

Nunca os horrores da guerra tinham dilacerado tanto o sentimento humano porque nunca esse monstro que a palavra opulenta de Antonio Vieira descreveu, alagára como hoje um tão vasto mar de sangue, nunca desmoronára uma tão grande massa de destroços. Mas também nunca se vira como nesta época a caridade humana levada a um tamanho desejo de «consolar os aflitos», de aliviar os que sofrem. Se hesitamos perante o admirar uma civilização de que tanto nos orgulhamos e que parece ter como obra prima a destruição sanguinária, consolamos-nos ao vêr que essa civilização, que fez brotar rubra uma gigantesca flôr de mal, produziu uma imaculada floração de bem como ainda não brotára do sentimento dos povos: ao estampir dos canhões o mundo assombrou-se, mas logo, ao rebentar da granada, se lembrou dos feridos, dos orfãos, dos mutilados e em todos os países se procurou confortar e aliviar esses desconhecidos de outra raça e de outra lingua mas que o sofrimento aproximava e irmanava.

A mulher teve neste movimento humanitário que nos reconcilia com a civilização, um papel preponderante, e, quer nos países neutrais quer principalmente nos países em guerra, ela veio mostrar que a civilização que aumentou de novos elementos a ferocidade do homem deu maior alento à bondade da mulher.

Perante a guerra a mulher transformou-se, as suas qualidades morais, a sua ternura expandiram-se, a sua fraqueza tornou-se força, a força sublime da bondade.

Em uma época de acção a mulher não ficou, como outróra, a chorar e a rezar: veio verter lágrimas sobre o leito dos feridos que tratou, rezar à cabeceira dos moribundos por ela amortalhados.

Futil soube tornar-se util na desgraça, tímida soube tornar-se corajosa perante a dôr; e na propria França, até em Paris, a patria do prazer vão, da inutilidade chic, aonde o polimento superficial da leviandade nos oculta as qualidades sólidas da mulher francêsa, essas parisienses ontem entregues às extravagancias das mais estranhas modas são hoje descritas por Maurice Donnay como enfermeiras dedicadas e recolhidas que pensam os feridos enquanto os

homens, que ha pouco esbanjavam nesse luxo o bastante para o conforto de muitos miseraveis, enregelados nas suas choupanas, dormem agora, enxarcados de geadas, ao relento dos bosques, na terra húmida das trincheiras.

Para quem procura em cada facto uma lição esta não deve ser desaproveitada. Longe ainda de uma educação sólida e perfeita as qualidades próprias conseguiram vencer os erros de educação, mas é preciso que, para bem das gerações futuras, estes ensinamentos se não percam, é de desejar que, vinda a paz, a educação feminina se despoje de todos os preconceitos de falsa cultura e de falsa elegancia, para ter o verdadeiro character de cultura sólida e de beleza pura que temperam a alma para afrontar serenamente os grandes sacrificios.

Se olharmos para a nossa terra temos de confessar tristemente que também entre nós a mulher tem qualidades capazes de atingirem as maiores dedicações, de suportarem os maiores sacrificios, mas que infelizmente, de baixo acima, por toda a desorganizada sociedade portugûesa, são raras aquelas a que foi dada uma verdadeira e sólida educação e não — quando a tem — uma falsa cultura.

Perante um grande perigo não bastam as qualidades naturais, não basta o heroismo inato: é necessario ter o espirito educado para serenamente reflectir e para reflectidamente se sacrificar, porque só os sacrificios reflectidos são valiosos e são em geral os unicos uteis.

Dir-se-ha talvez que os momentos de perigo são raros e que o normal é viver em *paz pôdre*: ai de aqueles que assim pensam! A vida nas sociedades perturbadas é um perigo constante e é preciso a maior energia para conscientemente o afrontar e, tanto a respeito da educação masculina como a respeito da educação feminina, se queremos ter gerações conscientes e uma pátria forte, é dever ter presentes as palavras de Bulow:

«Um país deve ser dirigido em todas as suas energias como se amanhã tivesse uma guerra a sustentar».

Julho de 1915.

GONÇALO DE OLIVAIS.
Professor de Ensino Secundário e escritor.

OS NOVOS

Perguntei o que tornava
O homem mais desgraçado;
Toda a gente respondeu
Que amar e não ser amado.

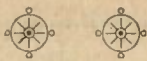
José Dias Sancho,

O amor que me tiveste,
Tão pouco tempo durou!
Foi como a flor que me deste
— No mesmo dia murehou...

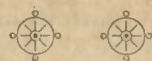
Rita da Palma,

Se quando eu nasci soubesse
Que para amar-te nascia,
Pedia ao ceu que me desse
Melhor destino, Maria.

M. Guerreiro Beatriz,



Ode á mulher



(Fragmento).

.....

Visão melhor de toda a mocidade;
Sinfonia de luz, que nunca esquece...
Arvore de frescura e suavidade
Que pelo nosso outono inda floresce...

Ao teu olhar, mulher, á tua bôca:
Ninho escarlate de sorrisos bons!
A' tua voz, que a Poesia aponca,
E a Musica talvez não diga em sons.

Ao teu cabelo claro, cemo os ceus,
Na apoteóse virgem das manhãs;
Ou negro, como a alma dos 'scarceus,
Triste e solene, como as maguas vãs.

Ao teu sonhar, á tua gentileza!
Ao setim dos teus dedos de carícia!
A' mais pequena coisa de beleza
Que tu possuas, e é em ti delícia.

Aos teus aneis, ás tuas pedrarias;
Aos teus beijos ardentes, como lava!
Tu adornas de sol os nossos dias...
Os servos somos nós! Tu, nunca, a escrava.

A' força da tua alma: ao sentimento.
A' bondade divina do teu peito.
Ao teu sofrer e tragico lamento
Gerando o homem — marmore imperfeito.

Ao rasto de esplendor do teu caminho
Aureolado de luar e rosas,
P'la noute deste mundo tão mesquinho,
Que só por ti tem horas vitoriosas!

Ao teu olimpico beijar de amante;
Ao teu beijo evangélico de mãe!
Alma de luz e corpo deslumbrante,
A' tua vida de infavel bem!

Viseu, 1915.

MARIO PACHECO.

RECORDANDO...

A Mademoiselle...

"E' particular circumstancia e honra da Verdade ser sempre uniforme, e uma mesma sem variedade, nem alteração."

FREI LUÍS DE SOUSA.

Perguntaste-me, ontem, qual a impressão que sentira ao ver-te, outrora, em tua casa, experimentando em frente do espelho o teu chapéu novo,—verdadeiro prodígio de simplicidade e graça,—creado pela tua grande intuição artística.

Que dizer-te mais do que, então, disse?

Ao contemplar-te, ao demorar sobre o teu lindo vulto os meus olhos sequiosos da visão do belo que tu lhes oferecias, achei que estavas adoravel e sintetisei a minha admiração nesta frase que recordo com infinito prazer:

"Pareces-me um lindo postal ilustrado."

Fui sincero, crê.

E' que a fôrma geral do teu chapéu,—desse poêma de rendas e flôres trabalhado pelas tuas mãos habeis,—a disposição e a côr dos seus enfeites de tal fôrma se harmonisavam com as linhas corrêtas e aristocraticas do teu rosto de virgem de *Botticelli* que do conjuncto resultava um espectáculo requintadamente fascinante e dominador.

Porquê?

Nem sei dizer-te!

Sei apenas que jamais me pareceu tão perturbativa e espiritual a graça do teu sorriso, tão inigmática e insinuante a expressão do teu oihar aveludado e terno...

Fitando teus belos olhos sonhadores, convenci-me de que, como dís o Poeta, êles:

«Filtram venenos que nos adormecem».

Nunca me pareceram tão lindos os teus formosos olhos negros, em cujo fulgôr brilha toda a espiritualidade da nossa raça devaneadora!

Nunca se me afigurára tão meigo o teu casto sorriso, nem tão classica a linha do teu adoravel perfil semita.

Lembro-me bem de que, com a tua infantil modéstia, quise atribuir á lisonja as felicitações que te dirigi e que tão sinceras e espontaneas foram...

E as tuas palavras soaram a meus ouvidos meigas, impregnadas de uma ternura dulcissima inebriante, tal como se em seus harmoniosos sons contivessem alados murmurios de beijos, cristalinas toadas de fontes crepitantes ou brando e algodoento cair de neve em longinquas montanhas...

Que gesto lindo, o teu, quando te voltaste, a sorrir, o vermelho escarlate dos labios húmidos a sangrar no palôr dourado da tua cutis setinea...

Que gesto lindo!

Ha gestos que são musica purissima; tais são os teus, sempre rítmicos e cadenciados...

Acredita que, ao ver-te, senti-me transportado a um recanto de *atelier*, e toda a minha sensibilidade, todas asminhas faculdades de artista, se curvaram reverentes perante a imponencia da tua gentileza.

Nunca a beleza femenil cantou mais harmoniosamente o hino do seu triunfo, a vibrante odisséa da sua graça voluptuosa!

Estavas maravilhosamente, requintadamente linda!

Não podia ser mais empolgante a impressão de deslumbramento que me causaste.

Deste-me a sugestão fulgurante de um quadro formosissimo, capaz de immortalisar o artista que iograsse fixá-lo na têla!

Concedeste-me uma das maiores e mais completas visões de Arte que tenho tido.

Nesse momento de sonho, que jamais deslumbrarei, ameite com a veemencia estética e purissima que espiritualisa a afeição dos artistas por todos as manifestações do belo ideal...

Por tão delicado, por tão fino goso espiritual, beijo-te as mãos, reconhecido.

Faro, 30-3-1915.

LYSTER FRANCO.

EMBALANDO UM CORAÇÃO...

O' coração, tu não amas...
Dorme, dorme, socegado!
Tão em flor, és um menino
no seu bercinho embalado:
— um menino que sorri
no colo da mãe deitado,
sonhando um sonho de estrelas,
um sonho todo doirado...

(Foge, ó Amor, vae-te embora...
Não o despertes! Cuidado...
Ai, tem dó! Deixa dormi-lo,
deixa sonha-lo, coitado!)

O' coração inocente,
virgem de amor e pecado,
quem virás tu a amar?
Por quem serás tu amado?
Tu és como um passarinho
no seu ninho perfumado...
P'ra ti o Mundo é a asa
que te traz agasalhado...

(Foge, ó Amor, vae-te embora...
Não o despertes! Cuidado...
Ai, tem dó! Deixa dormi-lo,
deixa sonha-lo, coitado!)

O' coração, tu não sabes,
nesse sono abençoado,
que cada prazer na vida
por mil dores é contado!
Que cada riso do mundo
é um 'spinho envenenado!
Que ha prantos bem mais amargos
que as aguas do mar salgado!



BERNARDO DE PASSOS

É o lirico por excelencia do Algarve. A sua alma, qual florinha perolada de orvalhos argenticos, retratando toda a beleza das nossas manhãs purissimas, é bem a alma de um grande panteista absorto nas regiões sublimes do Sonho, da Amor, do Belo, da Perfeição...

— Prestes vai publicar mais dois livros — diz-nos ele — numa modestia que lhe é quasi impropria. Bastaria augurarmos-lhe o triunfo dos primeiros, se não reconhecessemos os successivos progressos do Poeta. Permita, portanto, o nosso querido amigo, que antecipemos as nossas felicitações apertando-o entusiasticamente.

(Foge, ó Amor, vae-te embora...
Não o despertes! Cuidado...
Ai, tem dó! Deixa dormi-lo,
deixa sonha-lo, coitado!)

O' coração, és Jesus
sobre as palhinhas deitado...
Que dores virão um dia
fazer-te lindo o Passado?
Que dores virão um dia
trespassar-te lado a lado?
— As sete espadas da Mãe
de Jesus Crucificado?

(Foge, ó Amor, vae-te embora...
Não o despertes! Cuidado...
Ai, tem dó! Deixa dormi-lo,
deixa sonha-lo, coitado!)

O' coração pequenino
meu botõesinho fechado!
Ao seres rosa, ai de ti...
Acordarás desfolhado!
Ai de ti! Que dor um dia
te fará desventurado?
A dor negra da traição?
A de amar sem ser amado?

(Foge, ó Amor, vae-te embora...
Não o despertes! Cuidado...
Ai, tem dó! Deixa dormi-lo,
deixa sonha-lo, coitado!)

BERNARDO DE PASSOS.

SONETO

Julguei que não te amava... e louco, ria
Do teu amor sincero e veemente...
(Sim, porque isto de ser amante e crente
E' por todos julgado fantasia)...

Pensei-te mentirosa — quem diria? —
E' por mim que era ímpio e descrente,
O amor sempre foi ingenuamente
Tido em conta de doce alegoria.

Oh! quanto me enganei! A alegoria,
Aquilo a que eu chamava fantasia...
Produto d'algum louco sonhador,

Não era, não!... Só hoje o sinto e sei...
Pois no tempo em que dizem que te amei
Não era a isto que eu chamava amor...

Faro, 14-5-915.

JOSÉ DIAS SANCHO.

OS TEUS BEIJOS

Quando num beijo sensual e ardente
Unes aos meus teus labios sem guarida,
Sinto-me envolta num sonho ridente,
Julgo beber nesses labios a Vida.

Terno, suave, apaixonado e quente,
Dado em delirio em hora tão querida,
O beijo teu é o prólogo ardente
Duma mensagem tantas vezes lida...

Nasce o amor e surge logo o Beijo;
Morre a paixão e extingue-se o Desejo
De a rubros labios a vida ir beber...

Se o beijo é, pois, uma vida de instantes,
Uma harmonia, um doce hino de amantes,
Dá-me os teus labios, deixa-me viver!...

6-12-914.

IRIS.

III

A MOURA DO PEGÔ DAS RELIQUIAS

QUANDO um dos rapazes acordou viu o seu companheiro extremamente palido e assustado. Os olhos quasi lhe saiam das órbitas e o seu aspecto traduzia um sonambulismo ou um doido.

— Estás doente?

— Não dormi um momento: tenho estado a conversar com a moura.

— Deixa-te de cantigas; vamos dar o nosso mergulho.

— Já te disse, não devo entrar n'agua.

— Conta de uma vez o que te sucedeu.

— Vou contar-te e não me faças observações. Quando já dormias e eu queria imitar-te, senti que alguém se aproximava de nós. Ergui a cabeça, olhei para o lado direito e vi já sentada na beira da lage uma linda jovem, tendo no colo uma caixa do formato e tamanho de uma joeira. Imagina como fiquei vendo nela o que se tem dito da moura encantada!... Fiquei tão assustado que a minha palidez lhe deu nas vistas, pois disse-me que não me assustasse, pois havia muitos seculos que e residia naquele sitio. Quiz acordar-te, ela disse-me:

— “Não te incomodes em acordar o teu amigo; não acordará enquanto eu aqui estiver. Eu sou efectivamente a moura do *serro das Reliquias* e desde D. Afonso III aqui estou encantada. Meu pai encantou-me em razão de eu querer casar com um primo que muito amava. Meu pai era o rei dos mouros que habitavam no sêro das reliquias e o rei da Aldeia-Cham, Alcornil, Asturias e Farrascal meu primo habitava na Almoinha Velha. Em uma tarde de S. João fui visitada pelo meu primo, e falou a meu pai no casamento. Respondeu imediatamente que não dava o seu consentimento, e como lhe dissesse que com outro não casaria, irou-se e encantou-me em uma cobra, dando todavia a liberdade de me transformar em outro animal, racional ou irracional, desde a meia noite da vespera de S. João até outro dia ao nascer do sol. E assim vivo, se isto é viver, ha quasi oito séculos.”

Ora a moura era formosissima. Tinha tido bastante tempo de lhe admirar os contornos. Estava ricamente vestida, trazendo ao pescoço um grande colar de ouro e nos braços brilhavam ótimas pulseiras do mesmo metal.

— A moura continuou a fazer-me a sua história, dizendo que todo o tempo, desde o seu encantamento, apparecera a tres pessoas, pedindo-lhe que lhe fizessem o favor de a desencantar. O primeiro foi ha muito tempo, chamava-se João Bento; o que vou contar passou-se em 1640. Era moleiro e casado. Em uma noite de vespera de S. João, quando ele se deitava com a mulher esperei que adormecessem.

Aproximei-me dele e pedi-lhe que me desencantasse em troca das joias que lhe prometi. O homem acordou e mandou-me ir lá baixo ao pé da azinheira grande. Fui e o homem não faltou.

Perguntou-me: o que tinha de fazer para me desencantar?

Respondi: eu agora desapareço por um pouco e volto transformado em touro, dando grandes mugidos; esgratando com furôra terra

e avanço com grande fúria, fingindo que te quero prender nas minhas armas, e quando chego ao pé de ti fico por um pouco parada. Deixo-te e volto transformada em cobra monstro, dando grandes silvos e fingindo querer engulir-te, mas ao aproximar-me de ti, retiro-me. Volto pela terceira vez, transformada numa donzela de vinte anos. Aproximo-me de ti e beijo-te na fronte. Neste momento entrego-te a minha caixa e, juntamente todas as minhas riquezas — eu fico desencantada e tu o homem mais rico deste mundo. Devo, porem, acentuar... se tu, na ocasião de apparecer de touro ou de cobra, manifestares algum medo, fazes-me um grande mal, porque me redobras o encantamento.

O João Bento respondeu-me dizendo que accitava a proposta. Eu, porem, quiz explicar ao João Bento o que significava o beijo. Este ouviu e disse que melhor seria adiar o desencantamento.



ALGARVE PITORESCO

TAVIRA

PEGO DO INFERNO

(Cliché de F. Solerio Padinha)

Consenti no adiamento, e não voltou. Ele consultara o pavor e este dissuadiu-o de me desencantar.

O segundo, um tal José Fernandes, da Almoinha-Velha, foi logo branco: respondeu-me que não tinha medo do touro nem da cobra, mas não consentia lhe tirassem os santos oleos.

O terceiro, chamado Francisco Martins, moleiro, ainda vivo, não se sentiu com força de me desencantar. Tu agora o que me dizes?"

— Respondi-lhe que tinha muita pena de não aceitar a sua amável proposta, mas que me não sentia com forças para tanto.

— Pois meu rapaz, estás completamente iludido; tu não viste a moura.

— Duvidas da minha palavra?

— Tudo o que me contaste e a forma que imprimiste ao conto accusam perfeitamente o teu estado de exaltação. Hontem passaste o dia a pular fogueiras e a cantar versos á moura; ao entrar da noite entraste no baile e saltaste á vontade até meia noite, em seguida marchaste para o pego e aí te deitaste sobre a lagem; afinal, eu adormeci e tu ficaste a pensar na moura, e que té fez a imaginação? Deu contigo nos aposentos da moura e fez que com ela conversasses...

— Já disse, conversei com ela e vi-a saltar o pego.

— Amanhã veremos se ha comunicação entre a cisterna e o pego.

— Não; hoje.

Meia hora depois lançaram ambos um podengo á cisterna. No principio o podengo ganiu com força, mas pouco depois estabeleceu-se profundo silencio. Vinte minutos eram passados e o animal appareceu sacudindo a agua da pele sobre as calças dos dois amigos. Repetiu-se a experiencia e deu o mesmo resultado. Ficaram ambos convencidos da comunicação entre a cisterna e o pego.

— E o que haviam os dois rapazes de fazer agora? — exprimiu o nosso companheiro — pôr acaso a moura debaixo dos ferros d'El-Rei? Não é assim que se castigam as mouras encantadas, quando rebeldes... Se a moura do *Pego das Reliquias* desmereceu de Allah por alguma falta, não somos nós que havemos de a julgar, é Allah que a pode immediatamente transformar em *Zorra Berradeira*.

— Tenho desejos de conhecer esse *Ser* que se me apparece pela primeira vez — manifestou alguem que não ouvia.

— Não tenho duvida alguma em fornecer-lhe as noticias que no Algarve correm desse *Ser* — respondeu o individuo que nos acompanhava de Vila Real de Santo Antonio.

Continúa: A Zorra Berradeira.

ATAÍDE OLIVEIRA
(Da Academia de Sciencias)

CONTOS DA «ALMA NOVA»

O DOIDO O

(FRAGMENTO)

Horacio Jardim partira para o Brasil. Uma coisa principalmente o levava a expatriar-se: um desejo louco de acumular dinheiro com que havia de cativar a simpatia do pai da sua formosa namorada.

Se não conseguisse arranjar dinheiro, muito dinheiro, nunca poderia, certamente, fazer daquella que ele tanto amava a sua companheira para sempre. E ele amava-a tanto, tanto, que Judit (assim se chamava ella) era para a sua alma de romantico o mesmo que Julia era para o Rafael de Lamartine: um anjo tutelar. Mas, para prolongar por muito tempo esta felicidade, precisava de riqueza, e só poderia arranjar-la indo para fora do país. E' certo que deixava a sua mãe só, mas ella era a primeira a desejar a sorte de seu filho.

Foi, pois, para America, onde passou a maior parte do tempo embevecido no doce pensamento de voltar ao seio da sua querida mãe e de poder então unir-se, sem impedimento dos pais, áquella que elle continuava a adorar em sonhos e que elle a toda a hora figurava ver ao peitoril da janela banhada por um luar lindissimo de agosto.

Ao retratar na sua mente todos os momentos de felicidade que passara junto de Judit, a saudade avultava-se e chamava-o tão irresistivelmente á sua patria, como a promessa do primeiro beijo duma namorada nos atrai á sua janela.

Mas, se a saudade era grande, tambem era grande a ambição de trazer para o seu país o necessario para se casar, e, por isso só resolveu regressar á sua terra natal quando tinha realizado o seu intento.

Voltou para a sua patria. Era agora feliz, iria cair nos braços da sua santa mãe e, — quem sabe? (este era o unico ponto negro que divisava no horizonte da sua vida) — ligar-se indissolavelmente á sua amada.

— Tenho esperanças, pensava elle, de ver realizados os meus sonhos dourados. Que diabo, os pais agora devem querer-me. E, demais, ella está disposta a todos os sacrificios, segundo me tem dito nas suas cartas.

No entanto, a sua alma, mergulhada nas sombras da dúvida, balouçava-se entre uma ventura suprema e um infortunio cruel. Fez assim grande parte da sua viagem,

mas, quando chegou a terras portuguezas, tudo se transformou. Como um cego artista a quem fosse restituída a luz dos olhos para contemplar o melhor panorama que o pincel da natureza haja traçado, ou como um surdo a quem fosse dada a faculdade de ouvir os mais belos trechos de musica, assim foi elle ao aportar á capital. A sua alma dilatava-se em alegria infinda!

Dirigiu-se sem demora para a sua aldeia, mas—ó dôr impiedosa do destino!—ahi recebeu as mais terriveis noticias que se podem imaginar: a morte de sua mãe e o casamento de Judit.

A sua mãe havia morrido e a sua Judit tinha casado!

Passados dois anos dava entrada num hospital de doidos, um homem que chamava a atenção de todos por ver em cada mulher a imagem de sua mãe? Era esse homem Horacio Jardim.

— «Olha a minha mãezinha!» dizia, sempre que avistava alguma senhora.

«Eu tenho uma mãe muito boa!»

Ah! quantos não ha por esse mundo que desejariam ter uma alma semelhante á do doido para ter sempre uma mãezinha!

Mas, não era só esta a sua mania, tinha outra tambem importantissima: adorava todas as mulheres...

O empregado do hospital não se esquecia de acentuar a todas as visitas que ali iam.

— *Este é o doido Horacio, tem a mania de adorar todas as mulheres. A mulher para elle é o Anjo da Guarda, e assim que vê alguma dama propõe-se-lhe logo para seu noivo.*

E' o que se chama um *doido* por mulheres...

Gentis leitoras, sabeí que não é só dentro das paredes do manicómio que vos consideram a estrela da felicidade; dentro das paredes do nosso peito tambem ha um doido com mania semelhante, um doido que vos admira loucamente — é o coração.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

PELO ALGARVE



LAGOS

(Cliché do sr. A. C. dos Santos).

Lagos, a antiga Lacobriga, — a cidade esquecida, como ha dias muito acertadamente o sr. Hermano Neves dizia na *Capital*, com os seus sete baluartes e a sua cinta de muralhas a atestarem a sua antiguidade, é uma das pedras preciosas do diadema do Algarve que ainda precisa desbastar. Uma vez facetada, polida, ela brilhará rutilantemente nas paragens occidentais da nossa bela provincia, tornando ao mesmo tempo menos escura e insipida, a vida monotona do extremo barlavento, tão mal conhecido ainda, devido unicamente diga-se de passagem, não só á lamentavel incúria dos nossos estadistas, mas ainda e mais principalmente dos seus proprios habitantes.

Desleixo inconcebível, creiam; porque dotando a Natureza esta região de tão variados encantos, de tão belas condições para fazer de Lagos uma das mais progressivas cidades do Algarve, outra coisa não é senão vil desleixo, o homem não os completar e engrandecer, proporcionando aos forasteiros os meios de nos virem visitar.

Haja, porém, um grupo de patriotas de iniciativa que estudem o problema, — e que melhor ocasião para o discutirem do que a do Congresso Algarvio que se vai realisar na Praia da Rocha? —, abram-se depois avenidas, aformoseiem-se as ruas da cidade, dote-se o porto do necessario que facilite o embarque e desembarque, incite-se a montagem de hoteis modernos, se não luxuosos pelo menos com todas as comodidades indispensaveis, euidese, enfim, com esrupuloso cuidado da conservação das



estradas que dão acesso a Lagos, e acclere-se a construção do caminho de ferro, — que Lagos será então uma cidade verdadeiramente bela, digna de ser visitada, certos ainda de que os afortunados que uma vez até aqui vierem não mais escolherão outra estancia para sua residencia predilecta.

Saia-se da vurrinhosa apatia que a todos euquista, jungindo-nos à rotina, sejamos patriotas, mostremo-nos dignos das riquezas com que a natureza nos dotou, lembrando-nos de que tê-las e não as sabermos aproveitar é cairmos na contingencia de nos chamarem indignos delas. Não queiram as edilidades, não consinta o povo lacobrigense que se persista em tão apático abandono.

E a "*Alma Nova*" que promete defender todo o Algarve com o mesmo interesse patriotico, saberá amanhã orgulhar-se de vêr vingada as suas aspirações; e ela, que dia a dia, galgando novas afeições vai conquistando um logar altruistico ao lado das suas congêneres dos países mais avançados da Europa, numa harmonia da intima satisfação ela irá levar aos nossos queridos comprovincianos que além mares mourejam, numa saudade amiga do seu florido rincão, a noticia entusiástica e bela de que entre nós tambem se trabalha, se progride e se sabem tornar dignas de algarvios as belezas algarvias.

JOSÉ FREDERICO CABRITA

(Professor oficial e nosso representante em Lagos)

CONGRESSO REGIONAL ALGARVIO

Continuam no maior entusiásmo os trabalhos para a efectivação desta iniciativa, nos dias 3 a 5 de Setembro, revestindo-se tambem Portimão e a Praia da Rocha do maior empenho, não só em proporecionar aos congressistas as mais gratas impressões da sua visita à encantadora praia, como ainda procurar suprir, quanto possível, aquela grande falta de comodidades que tem feito com que a nossa linda provincia não seja mais visitada.

A inscripção de congressistas, que é feita mediante a taxa de um esuedo a troco de um bilhete de identidade que lhes dará jús a 75 % nas linhas do Estado, está aberta na Sociedade Propaganda de Portugal.

O 1.º aniversario da "*Alma Nova*"

Como já noticiámos, com a briosa iniciativa do Congresso coincide o 1.º aniversario da nossa revista. Por esse duplo motivo resolvemos publicar um numero especial de grande tiragem com uma edição em papel *couché* dedicado ao Congresso e Exposição Regional, que a seguir se pretende levar a efeito na mesma praia.

O referido numero, que incluirá os dois ultimos que faltam publicar, começará a distribuir-se por todo o país no dia 1 de Setembro e será profusamente espalhado no Congresso e Exposição.

Será esse numero colaborado, além de outras

eminentes figuras nas Artes, Sciencias e Letras algarvias, por todos os membros da Comissão Executiva do Congresso e Exposição, compreendendo o seu sumário secções do maior interesse para todos os algarvios.

Brilhantes gravuras, representando, além de toda a Comissão Executiva do Congresso, algumas das figuras em mais evidencia no nosso meio e os mais pitorescos aspectos da nossa linda provincia, ilustrarão todas as paginas. Na crença de que saberemos apresentar um nu-

mero digno de figurar em tão altruistico Congresso, como deve ser o que em Setembro se vai realizar na Praia da Rocha, só nos resta esperar dos algarvios a consideração que o nosso intento merece.

Nota. — Aqui agradecemos muito penhoradamente a todas as pessoas que, elogiando a nossa iniciativa e honrando os progressos successivos da "*Alma Nova*", nos tem prometido os seus anuncios para o numero especial, aguardando a remessa do original, acompanhada da respectiva importancia, até 22 de Agosto.

NOTAS

SAMORA BARROS

Entra hoje em parte activá da nossa revista, como *redactor artistico*, este novo mas já considerado artista algarvio, laureado aluno da Escola Nacional das Belas Artes.

A redacção abraçando-o felicita-se por encontrar no inspirado artista um verdadeiro defensor das coisas algarvias.

MAURICIO SERAFIM MONTEIRO

Este nosso companheiro de redacção, aluno da Faculdade de Direito de Lisboa, fez ha dias exame de Sciencias Economicas e Politicas, obtendo uma bonita distincção.

— Com muito brilho tambem fizeram o mesmo exame, os nossos muito amigos e colaboradores A. Bustorff e Constantino Cúmano.



Mauricio S. Monteiro

Uniforme academico em Lisboa

Em sessão dos estudantes das Faculdades de Lisboa, a que presidiu o Reitor sr. dr. Almeida Lima, foi ha dias estabelecido o uso obrigatorio da eapa e batina.

ANIVERSARIOS

Agosto, fazem anos: no dia 4 a Ex.^{ma} Sr.^a D. Izabel Maria Moreno e José Gravito Martins, Faro. Dia 6, o Ex.^{mo} Sr. Fernando da Silva David, Lisboa. Dia 7 Dr. Celorio Gil, Faro e D. Estefania C. Fontes, Lisboa.

A todos as nossas antecipadas felicitações.

CANÇÃO DA ROCHA

Já está publicada, em uma brilhante edição, que o autor ofereceu á Comissão Promotora dos Melhoramentos da Praia da Rocha, esta linda musica do Sr. Jaime de Padua Franeo, com belos versos de D. Alberto Bramão, vendendo-se ao preço de 50 centavos o exemplar.

Pode ser requisitada á **Casa Sassetti**, em Lisboa, que gentilmente se ofereceu para vende-la sem comissão ou a Sociedade Propaganda de Portugal.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

• **EROS** — poemeto de Candido Guerreiro. Coimbra 1907. E' uma pagina fulva e ardente de intenso lirismo, como só um algarvio seria capaz de escrever. (Julio Dantas). A edição é da *Livraria Franca Amado*.

• **ATOMOS D'ALMA** — versos de José Barbosa, Tipografia do *Diario dos Açores* S. Miguel, Açores, 1914. — E' mais um livro de versos a afirmar o belo talento de José Barbosa, que sendo um dos mais novos, é um dos mais distinctos poetas açoreanos. (*José Rebelo*).

O Sr. José Barbosa acaba tambem de nos oferecer um interessante drama em verso a que pôs o titulo *Na Lama*, o qual se lê com muito entusiasmo. A edição é do autor.

Teatros e Animatografos

Politeama A — *Amante do meu Genro*.
Apolo — *Reaparecimento da atracuta revista Capote e Leuço*.
Coliseu dos Recreios — *Grande e popular salão. Sempre attractivos.*
Olimpia — *O melhor cinema da capital. Lindas fitas.*
Salão da Trindade — *Belas fitas. Companhia infantil.*
Chiado Terrasse — *Grande salão animatografico. Estreias.*
Circo de Faro — *O melhor cinema do Algarve. Actualmente encontra-se no Circo de Faro a Companhia do Teatro da Trindade, de Lisboa, explorando o genero opereta, em que tão admiravel é.*
 — *Neste tambem se apresentará brevemente a tournée Chaby, cujo successo no Porto é do dominio de todos.*



SEMENTES

DE
 Hortaliças, flores, arvoredos, cereais, pastos, etc.

Pedidos de catalogos

Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos
 105. Rua de S. João, 111 — PORTO

ADUBOS

de toda a especie

O. HEROLD & C.^A

Sucursal em FARO

Rua D. Francisco Gomes, 45

ONDE

Se executam todas as transacções

AVISO:—Até novo aviso toda a correspondencia á *Alma Nova* deve ser endereçada para Faro.

ALCARVES



REVISTA
de
PROPAGANDA
do
ALCARVES



Lyster RANCO FARO 1915

Composição e Impressão — Tipografia JOSÉ SOARES & IRMÃO — 15-E, Avenida Almirante Reis, 15-F — LISBOA

Redação e Administração — Rua Panha de França, 12, 1.º — LISBOA e Avenida da República — FARO

ANO I — Setembro de 1915 — N.º 11, 12 e 1 do ano II

PREÇO 20 CENTAVOS
(200 Réis)

Redactores

Literarios: Agostinho Junior, Bernardo de Passos, F. d'Ascenção Mendonça, Jaime da Graça Mira, Joaquim Rita da Palma, J. Ascenção Contreiras, José Dias Sanchão, José Guerreiro Muorta, José Pavia de Magalhães, Mauricio Serafim Monteiro e D. Laurinda Serytram.

Artísticos: Carlos Lyster Franco e J. Samora Barros.

Representantes

Albufeira: José Samora Barros (da Escola Nacional das Belas Artes).

Castro Marim: José Pedro Pires Parra (prof. prim.)

Lagôa: Jaime da Graça Mira (da Univ. de Coimbra).

Lagos: José Francisco Cabrita (prof. primario).

Loulé: José Guerreiro Marta (da Univ. de Lisboa).

Portimão: Marcos Algarve (escritor)

S. Braz d'Alportel: José Dias Sancho (do Liceu Central João de Deus).

Silves: Julião Quintinha (jornalista).

Tavira: Capitão Vasco de Campos (Director da Esc. de Educ. Fisica de Tavira).

Aceitam-se representantes e correspondentes nas localidades onde ainda os não tenhamos.

A estes cumpre zelar pela defesa e propagação da localidade que representam e pela mais ampla difusão dos conhecimentos da «Alma Nova» na respectiva localidade.

Principais colaboradores

Dr. Agostinho Lucio da Silva (medico). Dr. Alberto Carrasco Guerra (medico). Anibal Lucio d'Azevedo (engenheiro). Antonio Bustorff (da Faculdade de Direito). Dr. Antonio Cabreira (da Academia de Sciencias). Dr. Antonio Simões Baião (Director da Biblioteca da Trope do Tombo). Dr. Ataíde Oliveira (da Academia de Sciencias). Bernardo de Passos. Braga Paixão (professor de Ensino Secundario). Dr. Candido Guerreiro. Dr. Coelho do Conselho. Fernando da Silva David. Jacinto Parreira. Jaime de Padua Franco (secretario da Propaganda de Portugal). João Baptista Callega (advogado). J. Ferreira Neto (agronomo). Dr. João Lucio (advogado). J. Paula Nogueira (professor da Escola de Medicina Veterinaria). Dr. Joaquim Rodrigues Davim. Dr. João Bentes Castel-Branco (medico). João Falcão Trigos (pintor). José Parreira (redactor do «Diario de Noticias»). José Francisco da Rosa (major reformado). Dr. Julio Dantas (da Academia de Sciencias). D. Maria Veleza (escritora). Luiz Mascarenhas (jornalista). Mario Pais da Cunha Fortes (engenheiro agronomo). Pedro Paulo Mascarenhas Judice (agronomo). Tomaz Cabreira (lente da Universidade de Lisboa). Vasco Braz de Campos (capitão de infantaria e director da Liga de Educação Fisica do Sul de Portugal).

Toda a colaboração é solicitada «por nós».
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO «AMIGOS DO ALGARVE»

CAPITULO I

Denominação e fins da Sociedade

Artigo 1.º — Com o titulo *Sociedade Amigos do Algarve*, é fundada uma associação de propaganda regional, tendo por fim, promover, pela sua acção propria, pela intervenção junto das administrações locais e poderes publicos e pela colaboração com estes e com todas as forças vivas da provincia do Algarve, o desenvolvimento intellectual, moral e material da referida provincia, e principalmente, esforçar-se porque ela seja conhecida, visitada e amada por nacionaes e estrangeiros.

Pela mesma forma procurará fomentar o ensino das classes operarias, criando escolas e bibliotecas populares de sua iniciativa e pugnando, quer por meio de conferencias nas varias localidades, quer por meio da revista *Alma Nova*, contra o vergonhoso atraso dos nossos conhecimentos, e obter dos Caminhos de Ferro, emprezas locais, hoteis, casas de comercio, etc., quaisquer concessões ou vantagens para os seus sócios, aos quais facilitará excursões aos logares mais pitorescos da provincia, e preferencia em diversões, festas, etc.

§ unico. — A Sociedade é absolutamente alheia, no desempenho dos seus fins patrióticos, a questões politicas e religiosas.

Art. 2.º — A séde da Sociedade é em Faro, com expansão por meio de Filiais, Secções e Correspondentes em toda a provincia, país e estrangeiro.

§ 1.º — A Sociedade terá uma secção permanente em Lisboa.

§ 2.º — Essa Secção incumbir-se-ha da instituição e manutenção de um *Centro Algarvio* na referida cidade.

Art. 3.º — O ano social para todos os efeitos é o ano económico.

CAPITULO II

Da «ALMA NOVA»

Art. 4.º — A revista *Alma Nova* será órgão da Sociedade devendo o seu programa obdecer sempre ás leis estatuidas.

Assinatura da «Alma Nova» (pagamento adiantado)

Portugal e Colonias... semestre: 60 cent. ano: 1\$20
Africa e India » 1\$60

Estrangeiro ano: 7 francos
Brazil » 7\$000 réis

Redacção e Administração: Avenida da Republica — FARO, ou R. da Penha de França, 12, 1.º — LISBOA

Toda a correspondencia ao Director (LISBOA)

Art. 5.º — A referida publicação sairá invariavelmente a 1 de cada mês, nunca encerrando menos de 16 paginas, cada número.

Art. 6.º — Cumpre á *Alma Nova* apresentar estudos, projectos e separatas com instruções aos industriais, commerciantes e agricultores da provincia.

Art. 7.º — As receitas da *Alma Nova* serão applicadas á divulgação gratuita de folhetos com instruções sobre novos metodos de cultura, plantações, ensino das classes etc., e á fundação de escolas e bibliotecas populares.

§ unico. — Os socios terão 5% de abatimento na sua assignatura ou na publicação de quaisquer annuncios em a *Alma Nova*.

Art. 8.º — E' ainda das principais atribuições da *Alma Nova*, além das belezas naturais do Algarve, tornar conhecidas as suas Artes, Letras, Sciencias, costumes, lendas e tradições.

CAPITULO III

Socios

Art. 9.º — Podem ser socios todos os individuos maiores, de ambos os sexos, ou menores devidamente autorizados.

§ unico. — São considerados socios fundadores os que se tiverem inscrito até á data da aprovação dos presentes estatutos.

Art. 10.º — Haverá 5 categorias de socios:

a) *Efectivos*, os que pagarem a quota anual que eles proprios fixarem, no acto da inscrição, com o minimo de 1\$;

b) *Auxiliares*, os que pagarem por uma só vez quantia não inferior a 20 escudos;

c) *Benemeritos*, os que pagarem quota não inferior a 100\$, por uma só vez, ou 20 escudos anuais;

d) *Honorarios*, os que houverem prestado á Sociedade serviços excepcionais e relevantes.

e) *Correspondentes*, todos os individuos algarvios ou não algarvios, no Algarve ou fóra do Algarve, cujos serviços a Direcção julgar util requerer.